

# Deus e o Diabo estão de acordo em querer o que a mulher quer: as personagens femininas em *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido*

**Antonio Augusto Nery**

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

**Resumo:** Embora aparentemente secundárias, as personagens femininas na peça teatral *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido* (2005) são fundamentais para o desenvolvimento dessa versão de José Saramago (1922–2010) sobre trechos da vida do famoso sedutor espanhol, na qual o protagonista é absolvido de características agregadas tradicionalmente ao seu mito, mas não sem antes ser condenado, justamente pelas mulheres, que passam de conquistadas a conquistadoras. Neste trabalho, espera-se ressaltar a mensagem crítica estabelecida pela peça ao (re)construir personagens que deflagram o patriarcalismo e o machismo presente na sociedade, sobretudo no que se refere aos relacionamentos afetivos e às relações de poder. Questões ligadas ao universo feminino são reiteradamente propostas, de maneira a podermos ler o texto tendo as personagens femininas como uma «chave de leitura» para sua compreensão.

**Palavras-chave:** José Saramago; *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido*; personagens femininas.

## **God, and the devil agree to want what the woman wants: the female characters in *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido***

**Abstract:** Although apparently secondary, the female characters in the play *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido* (2005) are fundamental for the development of this version of José Saramago (1922–2010) about parts of the life of the famous Spanish seducer, in which the protagonist is absolved of characteristics traditionally added to his myth, but not without being condemned precisely by

women who go from conquered to conquerors. In this work, we expect to highlight the critical message established by the play when (re)building characters that trigger patriarchalism and sexism present in society, especially regarding affective and power relationships. Questions related to the female universe are repeatedly proposed, so that we can read the text with the female characters as a «key to reading» for their understanding.

**Keywords:** José Saramago; *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido*; female characters.

«Deus e o Diabo estão de acordo em querer o que a mulher quer» (Saramago 2005: 90). É com essa fala da personagem Leporello que Saramago encerra *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido* e nela temos congregada a maioria dos significados que a peça veicula em sua totalidade. Embora aparentemente secundárias, as personagens femininas são valorizadas e fundamentais para o desenvolvimento dessa versão de Saramago sobre trechos da vida do famoso sedutor espanhol, na qual o protagonista é absolvido, mas não sem antes ser condenado, justamente pelas mulheres, que passam de conquistadas a conquistadoras. Trata-se de um aparente paradoxo que se constitui parte da transgressão que o autor português propõe à história de um dos símbolos literários do individualismo moderno, segundo o teórico Ian Watt (1997).

Já no prólogo, Saramago esclarece que sua obra se trata de uma releitura, tendo como referência a ópera *Don Giovanni ou o dissoluto punido* (1787), de Wolfgang Amadeu Mozart (1756-1791), escrita por Lorenzo Da Ponte (1749-1838), o qual, por sua vez, explorou o mito de Don Juan, que teve origem no século XVII, com a peça *El burlador de Sevilla* (1630?), atribuída a Tirso de Molina (1579-1648). A personagem principal, desde sua gênese, foi representada como um conquistador contumaz, para quem não importava sentimentos e envolvimentos amorosos mais profundos, somente o ato da conquista. De acordo com Watt, em seu já clássico *Mitos do individualismo moderno*,

Ser amado é uma ideia tão distante dos pensamentos de Dom Juan quanto a de amar. Há duas particularidades que se repetem nas suas relações sexuais. Primeira: a escolha da mulher é puramente circunstancial — nada além da mera casualidade abre-lhe o caminho para essa ou aquela mulher. Segunda: para ele, a relação com a mulher deve durar apenas o tempo necessário à sua satisfação carnal [...] Dom Juan diverte-se com o resultado de suas trapaças, mas o fato é que ele habita um mundo no qual, como em quase todos os outros, a aceitação dos códigos morais, sociais e religiosos é puro fingimento (Watt 1997: 108; 110).

Para o teórico é justamente esse comportamento do protagonista que garantiu o reconhecimento e a valorização de sua história por parte do público, pois «o sucesso da peça depende largamente da ambígua atitude do mundo secular, que publicamente condena, mas secretamente admira — ou chega ao ponto de invejar — as vitórias do fornicador amoral» (Watt 1997: 127).

Na releitura de Saramago, a figura controversa de Don Giovanni é ressaltada, extravasando a ideia original atribuída a Tirso de Molina e apontando para o fato de que em um mundo no qual a hipocrisia social reina, a autenticidade e sinceridade são qualidades que ultrapassam a falsidade e a mentira, mesmo que tal autenticidade seja reprovável pelas convenções sociais e pelo tido como «politicamente correto». O trecho no qual Don Giovanni deflagra o caráter do Comendador, que retorna como estátua para condená-lo é emblemático nesse sentido:

#### DON GIOVANNI

[...] Conheço bem os da tua espécie. Andais pela vida a distribuir palavras, que parecem jóias e afinal são enganos, colocais com fingido amor a mão sobre a cabeça das criancinhas, desviais das tentações da carne os vossos olhos falsamente pudicos, mas lá por dentro roeis-vos de despeito, de ciúme, de inveja. Alimentais-vos da vossa própria impostura e quereis fazê-la passar por virtude sublime [...] (Saramago 2005: 34).

O escritor português captou as características marcantes dessa personagem que fala e faz o que pensa, sem pensar muito nas consequências, e sublimou o aspecto «profundamente representativo» do mito, consoante Ian Watt:

Não parece haver dúvidas de que, para cada cem pessoas que secretamente desrespeitam as leis da Igreja, do Estado e da família, há somente uma capaz de proclamar mais ou menos abertamente sua oposição a tais leis. Sob esse aspecto, Dom Juan é profundamente representativo: para ele, mentir não tem a menor importância; ele quer o que quer, e empenhado unicamente na satisfação dos próprios desejos não vê problema em conflitar-se com o mundo e suas leis (Watt 1997: 110).

Desde a primeira cena, a obra saramaguiana expõe o comportamento egocêntrico e autocentrado do protagonista e, concomitantemente, a expressão de que tal comportamento dialoga com o contexto de recepção do texto. Tal qual outras ficções do escritor, a atualidade das ações é explicitada via marcas espaço-temporais, que entrecruzam o tempo e o contexto da história com a contemporaneidade. Esses indícios estão nas entrelinhas do texto ou expostos diretamente, como no momento em que a estátua do Comendador, após não conseguir impingir a maldição para Don Giovanni, conclui: «O método que me servi es-

tava desatualizado, perdeu a eficácia sem que eu me tivesse apercebido. É o que sucede quando não se leem os jornais todos os dias» (Saramago 2005: 58).

Muito além da declaração de que uma estátua, aparentemente circunscrita ao século XVIII, lê jornais, o diálogo com o presente da leitura se concretiza por intermédio das temáticas e discussões emanadas do texto, como ocorre em outras obras saramaguianas. E, no caso de *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido*, questões ligadas ao universo feminino são reiteradamente propostas, de maneira que poderemos ler o texto tendo as atuações das personagens femininas como uma «chave de leitura».

Nas seis cenas que compõe o único ato, temos as mulheres presencialmente em três delas, mas, como não poderia deixar de ser, em se tratando de Don Giovanni, elas figuram indiretamente desde as primeiras linhas, quando temos o sedutor envolto em lembranças sobre suas conquistas e fazendo contas em um papel:

DON GIOVANNI

Espanha, Turquia, França, Alemanha, Itália, tudo somado dá duas mil e sessenta e cinco mulheres... Quem delas terá sido a primeira? Como se chamava? Seria das loiras? Seria das morenas? Era alta? Ou era baixa? Não consigo recordar-me. Depois de ter duas mil e sessenta e cinco mulheres deitadas, quem seria capaz de se lembrar da primeira? Tantas, tão poucas, demasiadas. Como poderá saber-se? (Saramago 2005, p. 27).

No que se refere às atuações propriamente ditas, são três as personagens femininas da peça: Dona Elvira e Dona Ana, que se destacam por serem guiadas pelo desejo de vingança contra Don Giovanni, e Zerlina, que surge no final da trama e tem uma atitude surpreendente com relação ao protagonista. Todas, em maior ou menor grau figuram relidas por Saramago e, ao contrário das versões tradicionais da história de Don Juan, nada têm de inocentes e suscetíveis ao ludíbrio do obstinado conquistador.

Dona Elvira, sem dúvida, é aquela que terá maior importância no desenvolvimento das ações. De partida, revela-se vingativa ao ter sido rejeitada por Don Giovanni. Todavia, sua atração não está ligada a um sentimento amoroso puro e ingênuo, mas, tem em vista a atuação do amante na cama:

DON GIOVANNI (para Dona Elvira)

Que queres? Que questão é essa de vida ou de morte que te trouxe aqui?

DONA ELVIRA (exagerando o dramatismo da frase)

A minha vida, a minha morte.

DON GIOVANNI

Em que ficamos? Vida, ou morte?

DONA ELVIRA

Dás-me a vida se me devolves o teu amor, rouba-la se não me recebes nos teus braços.

DON GIOVANNI

E na minha cama.

DONA ELVIRA

Sim, na tua cama. Recorda as horas deliciosas que gozámos na minha, ouvindo os sinos da catedral de Burgos. Não posso ouvir um sino sem me arrepiar toda (Saramago 2005: 59).

A apologia a uma vida sexual livre e desimpedida por parte das mulheres é feita também em outras cenas, dando mostras de que elas compartilhavam um comportamento bastante liberal no que tange à sexualidade. No momento em que Dona Ana tem a chance de participar na deflagração da vingança de Dona Elvira, através da revelação do roubo do caderno com as anotações das conquistas de Don Giovanni, ela admite abertamente que se entregava aos prazeres carnisais:

DONA ANA

Ao princípio, pensei que se tratava do meu noivo, Don Octávio aqui presente, e o desejo dispôs-me logo para os jogos do amor, mas não tardei muito a aperceber-me de que o homem que me apertava nos braços era impotente. Ora, devo esclarecer, com o meu saber de experiência feito, que o meu Don Octávio, de impotente, não tem nada. Empurrei de cima de mim o desgraçado e então vi quem era. O resto já sabem. Fugiu, meu pai cortou-lhe o passo e isso custou-lhe a vida. Par matar um velho, Don Giovanni ainda serviu, mas não para levar uma mulher ao paraíso (Saramago 2005: 74).

Além de admitir que tinha uma vida sexual ativa, estando inclusive diante do pai, que acreditava em sua pureza e castidade, Dona Ana também colabora com a vingança de Dona Elvira em curso, pois coloca ainda mais em xeque a já abalada reputação de Don Giovanni. Claro que isso é um golpe menor se comparado com aquele aplicado por Dona Elvira, pois, como para Don Giovanni não interessava necessariamente as mulheres, mas o prazer, a conquista e o preenchimento de seu ego individualista, o roubo e a queima de seu caderno com as anotações das 2065 conquistas constituiu-se pena capital.

Será Dona Ana que resumirá a ruína causada pelas mãos femininas ao queimarem as memórias do conquistador contumaz: «Don Giovanni não precisará de morrer para cair no inferno, o inferno será a sua própria vida a partir desse momento» (Saramago 2005: 73).

Vale mencionar que para adensar essa ideia, cenas anteriores revelam que para Don Giovanni a punição divina não lhe importava, pois a pena do infrator deveria ser paga em vida, não no além túmulo,

[...] Se queres saber a minha opinião, o ser humano é livre para pecar, e a pena, quando a houver, aqui, ouves-me?, aqui na terra, não no inferno, só virá dar razão à sua liberdade. Nunca se pronunciaram palavras mais vãs do que quando se disse: «Deus te dará o castigo». Seria para chorar se não fosse para rir (Saramago 2005: 44).

Essa «verdade» será confirmada pelo risível «fogo fátuo» do inferno provocado pela estátua do comendador. A conceção de Don Giovanni parece querer intensificar a punição a ele imputada pelas mulheres ao roubarem e queimarem seu atestado de conquistador. No contexto de aparências, no qual Don Giovanni vivia, com grande importância dada a números, reconhecimento e publicização de feitos, o desaparecimento do documento comprobatório é a derrocada do que, ou quem, ele representa.

Se as atitudes transgressoras de Dona Elvira e Dona Ana são importantes, as de Zerlina não podem passar despercebidas. Durante quase toda a história, ela passa sendo procurada na casa de Don Giovanni por seu marido Masetto, com suspeitas de que a mulher o trai com o conquistador. Entretanto, Zerlina aparecerá somente no final da trama e, de maneira livre e desimpedida, assume que ficará com Don Giovanni, apesar de todos os acontecimentos pós-vingança de Dona Elvira e Dona Ana. Contrária dessa forma, a «regra geral» do universo patriarcal, representado em parte pelo próprio Don Giovanni, que tem dificuldade em conceber mulheres sendo ativas e tomando iniciativas como a de Zerlina.

Essa faceta do protagonista fica explícita em uma explicação sobre a «psicologia feminina», dada ao criado Leporello:

#### DON GIOVANNI

Leporello, és um ignorante, não entendes nada de psicologia feminina. Uma mulher que se negou uma vez poderá não negar-se segunda, mas nunca o faria por iniciativa própria, esperaria até que a rodeassem de novas súplicas, de novas implorações, em suma, de novas manobras de sedução [...] (Saramago 2005: 70).

Portanto, ao decidir ficar com Don Giovanni, a despeito de certa derrocada do conquistador, Zerlina demonstra não se importar com convenções sociais, não dando valor à hipocrisia e assumindo que age segundo seus instintos e desejos, constituindo-se, por fim, paradoxalmente, a personificação do próprio Don Giovanni.

Ressaltando a astúcia feminina, ao invés de somente se apoiar nessa característica que poderia ser tida como estereótipo negativo, Saramago a endossa e sugere que as mulheres não somente podem, como devem usá-la para lidar com homens como Don Giovanni — e com a sociedade patriarcalista que ele representa.

O autor reconhece o poder feminino sob vários aspectos. E faz isso, justamente, porque tem em vista que muito ainda precisa de ser feito para que a igualdade entre os gêneros seja efetivamente alcançada. Trata-se, inclusive, de um desafio candente de nosso tempo e que dialoga diretamente com o tema destas IV Jornadas Internacionais José Saramago da Universidade de Vigo — «Saramago e os desafios do nosso tempo».

É nesse sentido que o diálogo de Dona Elvira, Dona Ana e Zerlina, que passaram de conquistadas a conquistadoras, se faz bastante claro com suas «irmãs» Blimunda, de *Memorial do convento* (1982); Maria de Magdala, de *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991); a Mulher do Médico, de *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e Eva e Lilith, de *Caim* (2009) — isso somente para ficarmos com quatro exemplos mais icônicos.

Não é somente pela figuração das personagens femininas, mas de vários outros elementos não abordados aqui por conta do tempo proposto para a apresentação, que a peça *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido* é importantíssima quando se pensa na compreensão da obra completa de José Saramago.

## Referências bibliográficas

- Saramago, José (2005). *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Watt, Ian P. (1997). *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

